VIDERE
V. 19, N. 38, JAN - JUN. 2026.1
ISSN: 2177-7837

Recebido: 01/06/2026
Aprovado: 06/07/2026

Páginas: 228 - 242

DOI: 10.30612/videre.v17i36.21659

*
Mestra
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
anaortega.ad@gmail.com
OrcidID: 0009-0006-2592-0227

**
Doutora
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
mara_aline@yahoo.com.br
OrcidID: 0000-0002-4693-4656

CC BY NC SA

ENTRE O PANTANAL E AS CIDADES: CUIDADO, MEMÓRIA E FRONTEIRAS NAS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES PANTANEIRAS

BETWEEN THE PANTANAL AND THE CITIES: CARE, MEMORY, AND BORDERS IN THE EXPERIENCES OF PANTANAL WOMEN

ENTRE EL PANTANAL Y LAS CIUDADES: CUIDADO, MEMORIA Y FRONTERAS EN LAS EXPERIENCIAS DE MUJERES PANTANERAS

Ana Adelaide Ortega*
Mara Aline Ribeiro**

RESUMO
A existência das mulheres em contextos de fronteira é historicamente perpassada por incertezas e vulnerabilidades. No Pantanal, essas condições são potencializadas pela própria geografia da planície. Este artigo analisa as práticas de cuidado como uma dimensão social, política e relacional que organiza a vida coletiva das mulheres pantaneiras, extrapolando o domínio da atividade doméstica. A partir de uma etnografia familiar, o recorte espacial abrange o Pantanal e as cidades de Cáceres (MT) e Campo Grande (MS). Metodologicamente, a pesquisa amparou-se em trabalho de campo, observação direta e entrevistas semiestruturadas sob uma abordagem qualitativa fundamentada na Antropologia Social. Os resultados evidenciam que as fronteiras experienciadas pelas interlocutoras constituem vivências sociais marcadas por relações de gênero, trabalho, migração e resistência cotidiana. Conclui-se que o cuidado opera como uma prática relacional capaz de sustentar vínculos afetivos, transmitir saberes intergeracionais e produzir formas de continuidade da vida pantaneira no contexto urbano.
Palavras-chaves: Cuidado; Deslocamento territorial; Família; Mulheres pantaneiras; Vulnerabilidade.

ABSTRACT
The existence of women in border contexts is historically marked by uncertainties and vulnerabilities. In the Pantanal, these conditions are intensified by the floodplain's very geography. This article analyzes care practices as a social, political, and relational dimension that organizes the collective life of Pantanal women, extending beyond the realm of domestic activity. Based on a family ethnography, the spatial scope covers

the Pantanal and the cities of Cáceres (MT) and Campo Grande (MS). Methodologically, the research relied on fieldwork, direct observation, and semi-structured interviews under a qualitative approach grounded in Social Anthropology. The results show that the borders experienced by the interlocutors constitute social experiences shaped by gender relations, work, migration, and everyday resistance. It is concluded that care operates as a relational practice capable of sustaining affective bonds, transmitting intergenerational knowledge, and producing forms of continuity of Pantanal life in the urban context.
Keywords: Care; Territorial displacement; Family; Pantanal women; Vulnerability.

RESUMEN
La existencia de las mujeres en contextos de frontera está históricamente atravesada por incertidumbres y vulnerabilidades, condiciones potenciadas en el Pantanal por la propia geografía de la llanura. Este artículo analiza las prácticas de cuidado como una dimensión social, política y relacional que organiza la vida colectiva de las mujeres pantaneras, más allá de la actividad doméstica. A partir de una etnografía familiar en Antropología Social, el recorte espacial abarca el Pantanal y las ciudades de Cáceres (MT) y Campo Grande (MS). Metodológicamente, la investigación cualitativa se apoyó en trabajo de campo, observación directa y entrevistas semiestructuradas. Los resultados evidencian que las fronteras vividas por las interlocutoras constituyen experiencias sociales marcadas por relaciones de género, trabajo, migración y resistencia cotidiana. Se concluye que el cuidado opera como una práctica relacional capaz de sostener vínculos afectivos, transmitir saberes intergeneracionales y producir formas de continuidad de la vida pantanera en el contexto urbano.
Palabras clave: Cuidados; Desplazamiento territorial; Familia; Mujeres del Pantanal; Vulnerabilidad.

1 INTRODUÇÃO

O Pantanal é compreendido no texto como um território marcado por especificidades ecológicas e, também, fortemente por formas femininas próprias de organização social, memória e cuidado como uma prática. A pesquisa que estruturou esse artigo possibilitou um aprofundamento etnográfico sobre as experiências de mulheres pantaneiras, com um recorte familiar determinado, proporcionando reflexões específicas acerca das relações entre cuidado, memória, deslocamento e fronteiras vividas entre contextos pantaneiros e urbanos. Aqui, a nomenclatura "mulher pantaneira" é usada ao se referir especificamente às interlocutoras da família Alves Ribeiro.

Considerada a maior planície alagável do planeta, o Pantanal é um bioma atravessado por ciclos sazonais que moldam as relações entre sujeitos, territórios e modos de vida, influenciando diretamente as dinâmicas sociais das comunidades tradicionais (IBGE, 2019; Ribeiro, 2015). Nesse contexto, as chamadas mulheres pantaneiras historicamente ocuparam papel central nas práticas de cuidado, desempenhando atividades relacionadas à criação dos filhos, à alimentação, à limpeza e ao sustento econômico familiar, assim como atendimento aos animais domésticos e pequenas plantações. Tais práticas ultrapassam o espaço doméstico e constituem sistemas complexos de interação ambiental, produção econômica e reprodução cultural.

Partindo dessa perspectiva, o objetivo da pesquisa é analisar as práticas de cuidado como uma dimensão social, política e relacional que organiza a vida coletiva das mulheres pantaneiras, para além da atividade doméstica. Os objetivos específicos se concentram no trabalho doméstico executado pelas mulheres e nas práticas interge-

racionais de cuidado transmitidas entre gerações da família analisada. Ao observar essas práticas, torna-se possível compreender como as relações de gênero estruturam desigualdades históricas e, ao mesmo tempo, produzem formas silenciosas e quase "invisíveis" de resistência e permanência cultural. É importante lembrar, que a discussão aqui posta, parte da ideia de gênero referenciada em autoras como Biasoli-Alves (2000), que julga necessário a qualquer estudo de gênero a compreensão da transformação da identidade socioterritorial com intuito de analisar, verdadeiramente, o aumento da presença feminina nos diferentes aspectos da sociedade, tais como: a importância do trabalho feminino no espaço rural, os anseios e aspirações, as relações interpessoais e de sexo, a percepção da vida e do trabalho, enfim, os papéis exercidos que representam os elementos centrais de análise e condução da pesquisa; além de Ribeiro (2018), Melo e Soeiro (2020), Trat, J. (2014), dentre outras.

Considerando a extensão territorial do Pantanal e a circulação das mulheres por entre pantanais, a pesquisa foi delimitada espacialmente entre as cidades de Cáceres, no estado do Mato Grosso, região pantaneira, e Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul (Figura 1).



Figura 1- Mapa do Pantanal, com destaque para as cidades de Cáceres/MT e Campo Grande/MS.
Fonte: ORTEGA, 2026

Tal escolha se justifica não apenas pela trajetória de deslocamento das interlocutoras, mas também relação de parentesco com a pesquisadora que permitiu observar como o cuidado é experienciado tanto no contexto pantaneiro quanto nos espaços urbanos, evidenciando processos de adaptação, continuidade e reconfiguração identitária entre Pantanal e cidade.

Nesse trânsito entre territórios, emergem experiências de fronteira que atravessam dimensões geográficas, culturais e simbólicas, ou seja, para além de um limite jurídico do Estado (Machado, 2000), da geopolítica, da divisão territorial entre estados-nação. Nessa discussão, a fronteira é interpretada como uma categoria fluída, dinâmica, permeada de contraste e contradições (Martins, 2009) e que revelam como as mulheres pantaneiras negociam pertencimentos e preservam práticas de memória (Benedictis; Phillipp, 2017) em meio às transformações contemporâneas, as quais, referenciadas no:

> [...] campo da memória nos permite uma visão diferenciada sobre determinados contextos, principalmente, nos estudos sobre as mulheres, pois proporciona a percepção de vertentes ainda pouco exploradas e abastadas de significados no que concerne ao espaço social e suas vivências (Benedictis; Phillipp, 2017, p. 171).

Para compreender essas nuances, adotou-se uma abordagem etnográfica ancorada na "descrição densa" de Clifford Geertz (1989) e na noção de "teoria vivida" proposta por Mariza Peirano (2006). A pesquisa mobiliza memórias familiares, diários de campo e observação direta como instrumentos centrais de produção do conhecimento antropológico. Nesse sentido, práticas aparentemente cotidianas, como, por exemplo, a pilagem, que é ato de socar carne frita ou seca no pilão com farinha de mandioca e temperos, para preparar a paçoca pantaneira, ou o ritual de produção do doce de goiaba, revelam sistemas complexos de transmissão intergeracional de saberes, mediados pela oralidade, pelo corpo e pela experiência prática. Mais do que simples tarefas domésticas, essas práticas configuram sistemas sociais do cuidado e da memória.

Inspirada ainda pela noção de "educação da atenção" desenvolvida por Tim Ingold (2000), a pesquisa compreende o aprendizado cultural não como mera transmissão de informações entre gerações, mas como um processo construído pela experiência, pela observação e pela prática compartilhada. Assim, os gestos cotidianos das mulheres pantaneiras, como o ritmo do pilão, o tempo do preparo dos alimentos, a organização da casa, os modos de ensinar e cuidar, revelam fronteiras culturais com estruturas profundas de sociabilidade, coletividade e pertencimento.

Como demonstra Marilyn Strathern (2009), ao transformarem o cuidado em método de relação, essas mulheres desafiam dicotomias ocidentais entre produção e

reprodução, tornando o cuidado uma prática de resistência cotidiana é uma forma de continuidade da vida pantaneira.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A construção metodológica atravessou diferentes territórios, temporalidades e experiências familiares, referenciada em discussões acerca das relações entre cuidado, memória, deslocamento e fronteiras vivenciadas entre contextos rurais e urbanos, se concentra, principalmente, nas experiências femininas de circulação entre pantanais e cidades, compreendendo o cuidado como eixo estruturante das relações sociais e identitárias, tendo a memória familiar expressa para além da experiência etnográfica como balizadores da pesquisa, mas compreendendo-a como "[...] uma série de narrativas transmitidas de geração em geração e que constituem um verdadeiro legendário familiar" (Zonabend, 1991, p. 182), e como uma construção social (Benedictis; Phillipp, 2017).

Em Cáceres/MT, no contexto rural-urbano, foram acompanhadas práticas cotidianas relacionadas ao cuidado e à organização familiar; em Campo Grande, observou-se como essas práticas são re-elaboradas no espaço urbano, acompanhando os processos de deslocamento e transformação cultural, social e reelaboração constantes de pertencimento. Faz necessário destacar que o parentesco entre pesquisadora e entrevistadas permitiu acessar dimensões profundas da memória e do cotidiano que dificilmente emergiram em uma relação etnográfica marcada exclusivamente pelo distanciamento entre pesquisador e interlocutores.

A coleta de dados foi realizada em trinta dias, sendo quinze dias em Cáceres/MT, de 15 a 30 de abril de 2025 e quinze dias em Campo Grande/MS, entre os dias 22 de julho e 06 de agosto de 2025. Foram entrevistadas XX pessoas de três núcleos familiares derivados das filhas de Adelaide Alves Ribeiro, (falecida em 1991), minha bisavó. São elas, por ordem etária: Ana Alves Ribeiro (falecida em 2021), minha avó; Maria Alves Ribeiro, minha tia-avó e a Severiana Alves Ribeiro, também minha tia-avó e Nair Alves Ribeiro, minha tia. Para além das entrevistas gravadas, com as devidas autorizações nas atividades de campo, continuamos mantendo conversas informais sobre o tema ao longo de aproximadamente, oito meses, presencialmente e por meio de das redes sociais e ligações de celular via internet sobre temas relacionados à construção desse artigo.

As entrevistas semiestruturadas totalizaram aproximadamente trinta e duas horas de gravações, se desenvolvendo de maneira fluida entre narrativas formais, memórias familiares, relatos cotidianos e reflexões espontâneas das interlocutoras sobre suas trajetórias de vida, e se encontram nos arquivos da autora.

A utilização da memória familiar enquanto ferramenta metodológica dialoga diretamente com as reflexões de Peirano (2006), sobretudo ao compreender a etnografia como um processo de construção relacional do conhecimento. Nesse sentido, minhas próprias memórias não aparecem como obstáculos à objetividade da pesquisa, mas como parte constitutiva da experiência antropológica. Conforme argumenta Favret-Saada (2005), determinadas dimensões da vida social apenas se tornam acessíveis quando o pesquisador admite sua implicação afetiva e simbólica no campo, ao ser afetado. Assim, a familiaridade com as interlocutoras possibilitou acessar narrativas, silêncios, afetos e experiências que estruturam as práticas de cuidado e pertencimento no universo pantaneiro.

A pesquisa articulou múltiplas técnicas, incluindo observação direta das práticas de cuidado em contextos domésticos e produtivos, análise de fotografias, de documentos, de receitas culinárias, de utensílios familiares, além dos diários de campo. Entretanto, embora práticas culinárias como o preparo da paçoca pantaneira, doces caseiros e receitas tradicionais aparecem ao longo da pesquisa como elementos importantes da transmissão intergeracional de saberes, elas não constituem o foco central deste artigo. Sua presença se justifica enquanto caminho metodológico e analítico capaz de revelar relações mais profundas entre memória, gênero, divisão sexual do trabalho e práticas de cuidado.

3 FAMÍLIA ALVES RIBEIRO: MEMÓRIA E CUIDADO ENTRE PANTANAIS E CIDADES

Os alimentos, os utensílios e os modos de preparo servem de dispositivos etnográficos que permitem compreender as formas pelas quais o cuidado é aprendido, reproduzido e compartilhado entre gerações de mulheres pantaneiras. O pilão, por exemplo, ultrapassa sua função utilitária e passa a representar um transmissor social de disseminação de conhecimento, ritmo, convivência e trabalho coletivo. Da mesma forma, os doces produzidos artesanalmente ou as receitas ensinadas oralmente revelam processos de aprendizagem marcados pela observação, repetição e saberes; tais elementos materiais tornam-se importantes para compreender como o cuidado se organiza enquanto linguagem social e prática cultural no Pantanal e nas áreas urbanas.

O interesse central não está na culinária em si, mas na maneira como práticas aparentemente ordinárias permitem compreender formas mais amplas de resistência, pertencimento e continuidade cultural por intermédio do cuidado não apenas como prática doméstica, mas como categoria antropológica capaz de revelar sistemas complexos de organização social, memória e reprodução da vida.

As trajetórias das interlocutoras demonstram que a migração entre Cáceres/MT e Campo Grande/MS esteve profundamente relacionada às dificuldades econômicas, às transformações no mundo do trabalho pantaneiro e à busca por melhores condições de vida para os filhos e demais familiares. A passagem do contexto pantaneiro para a cidade não significou apenas deslocamento geográfico, mas um processo contínuo de adaptação social e reconstrução identitária. As experiências narradas evidenciam diferenças geracionais importantes entre o Pantanal vivido por suas mães e avós, e aquele experienciado pelas gerações posteriores em contexto urbano.

Ao longo do trabalho de campo, tornou-se recorrente a presença de histórias associadas ao "enfrentamento à onça", expressão utilizada não apenas em sentido literal, mas também como marcador simbólico das adversidades vividas pelas mulheres pantaneiras no início do século XX. Nas memórias partilhadas, o Pantanal aparece como um espaço cindido pelo distanciamento geográfico, pelo trabalho extenuante e vulnerabilidade social, cuja dinâmica socioambiental impunha estratégias contínuas de salvaguarda da vida, sem deixar de compreendê-la como um recurso importante para a compreensão do comportamento e da situação das mulheres em sociedade (Benedictis; Phillipp, 2017).

Nesse contexto, a figura de minha bisavó Adelaide surge constantemente associada à coragem e à autonomia feminina no ambiente pantaneiro, em um período histórico e social onde a mulher representava fragilidade, diante do poderio masculinizado.

> Considerando que o Brasil foi colonizado por ocidentais, pode-se inferir que os homens brasileiros carregavam conceitos e valores, em relação à mulher, bem similares aos dos colonizadores. Portanto, a mulher no Brasil, historicamente, é vista sob o prisma da ideologia patriarcal. Ou seja, há, historicamente, em relação à mulher, uma exigência e imposição de docilidade, recato e submissão (Melo; Soeiro, 2020, p. 02).

Quando a interlocutora Severiana, conta histórias de Adelaide, sua mãe, caçando com os cachorros, conforme o relato "[...] ela zagaiava (ato de espetar o animal com uma espécie de lança chamada zagaia) o animal, com a gente ia junto, porque não tinha com quem deixar"; se revela uma topografia do vivido que a escrita etnográfica de Ingold (2011) ajuda a decifrar. Não se trata de uma técnica de sobrevivência, mas de um saber-em-movimento, onde corpo, paisagem e ferramentas (a zagaia) se entrelaçam no fluxo da ação. Essa descrição ecoa o que Ingold (2011) chama de "narrativa do habitar", histórias que não representam o mundo, mas o fazem acontecer, no Pantanal acontece através da tessitura de experiências. A narrativa evidencia não apenas a presença concreta desses conflitos no Pantanal de décadas passadas, mas também o protagonismo feminino em atividades frequentemente associadas ao universo masculino.

Retomar essas memórias se torna importante para compreender as transformações discutidas neste artigo, sobretudo porque as mulheres entrevistadas transitam entre dois contextos distintos: o Pantanal vivido por suas ancestrais e a experiência contemporânea da urbanização, da migração e das novas formas de enfrentamento presentes na cidade. Para Ortega (2026):

> A migração para o contexto urbano, ainda que muitas vezes motivada pela busca de melhores condições de vida, a coloca em contato com novas dinâmicas sociais, outras formas de preconceito, como por exemplo o racismo, além de terem a necessidade de estruturar uma nova feminilidade para lidar com adversidades urbanas que substituem o 'enfrentamento da onça' (Ortega, 2026, p. 23).

Diferente das gerações de sua mãe e avó, marcadas pelas vivências no Pantanal rural e pelo enfrentamento direto das adversidades postas, Nair Alves Ribeiro, filha de Ana Alves Ribeiro e neta de Adelaide Alves Ribeiro, aparece nesta pesquisa enquanto interlocutora já profundamente atravessada pela dinâmica urbana e pelos processos migratórios entre Cáceres/MT e Campo Grande/MS, tanto ela quanto minha avó, Ana Alves Ribeiro, integraram de forma ativa a minha história de vida, compartilhando práticas cotidianas de cuidado, memórias familiares e aprendizatens relacionadas à vida entre as fronteiras físicas e sociais que se apresentavam na cidade e no Pantanal.

As experiências migratórias das mulheres entrevistadas evidenciam justamente esse processo de adaptação às adversidades urbanas, relatadas por Nair:

> Meu pai estava com câncer, saímos lá de Cáceres pra cá (Campo Grande/MS), fui trabalhar até conseguir comprar uma casa, para cuidar da minha mãe e meus sobrinhos, já que meu pai faleceu depois de 3 meses que a gente estava na cidade (Campo Grande/MS) [...] foi aí que comecei a trabalhar fazendo um pouco de tudo quando cheguei em Campo Grande, e depois sendo babá, cuidando do filho dos patrões, viajava com eles... mas quando eu era mais nova trabalhei igual escrava na fazenda de charque no Pantanal, era criança, por isso não era trabalho eu era escrava deles, me faziam comer o resto das sobras, comida mastigada que almoçavam e jantavam, eles me davam isso, e depois eu ia moer cana [...] (Entrevista de Nair Alves Ribeiro, realizada entre 01 e 15 de abril de 2025).

O relato de Nair evidencia que a mudança de cidade não rompeu com a lógica histórica da exploração do trabalho feminino, mas desloca essas mulheres para novos contextos de precarização e invisibilidade. A esperança de mobilidade social através da cidade e da educação aparece constantemente atravessada pela necessidade imediata de trabalhar e sustentar a família.

Além disso, a narrativa demonstra que morar na cidade significa, também passar por processos de discriminação racial e social, a fala da Nair referenda a afirmação, "[...] eu percebia quando entrava nas lojas, olhavam de cima a baixo, me ignoravam ou achavam que eu não poderia comprar nada. Eu era babá e levava os filhos do patrão no shopping". Para Ortega, 2026:

> O relato de tia Nair ilustra claramente essa transição e especificidades. Ela gostava de estudar e chegou a iniciar um curso superior em uma faculdade particular no curso de letras, porém se deparou com um cenário contínuo de trabalho e necessidades sócio econômica que a impossibilitaram de terminar os estudos em uma graduação (Ortega, 2026, p. 42).

A dimensão racial aparece de forma recorrente nas narrativas familiares. Minha tia-avó Maria, ao rememorar o trabalho doméstico ainda no contexto pantaneiro, relata: "às vezes a patroa me chamava de negrinha ou bugrinha, eu fingia que não doía, mas eu não gostava [...] porque *nóis* tem nome, sabe?" (Entrevista de Maria Alves Ribeiro, realizada entre 01 e 15 de março de 2025). A fala de Maria está referenciada no que Ribeiro, (2018) denomina de "[...] terceira onda do movimento feminista, iniciada na década de 1990, enfatiza a necessidade de discutir gênero com recorte de classe e raça, pois a universalização da categoria mulher é excludente".

As falas das interlocutoras revelam que o preconceito atravessa tanto o espaço rural quanto o urbano, ainda que assumindo formas distintas. Nesse processo, a condição dessa mulher pantaneira racializada produz ações específicas de marginalização, precarização do trabalho e invisibilidade social. Segundo Delphy, (1999 *apud* Trat, 2014, p. 369) "um dos indicativos da manutenção da opressão das mulheres ocorre nas relações domésticas em função da exploração gratuita do trabalho na casa".

Ao mesmo tempo, as redes femininas de cuidado aparecem como mecanismos fundamentais de sobrevivência diante das adversidades, demonstram que o cuidado opera como prática coletiva entre mulheres da família, atravessando gerações e diferentes territórios entre o Pantanal e a cidade. O relato de Maria expressa a dinâmica posta:

> Eu tive dois filhos, o Divino e a Cida. A Mariazinha (filha adotada) eu comecei a cuidar porque a mãe dela não queria (ficar com criança), ela é sobrinha do José (marido de Maria), mas a Cida sempre quis uma irmã, então eu peguei a Mariazinha quando era pequena, ela é minha fia de qualquer jeito (Entrevista de Maria Alves Ribeiro, realizada entre 01 e 15 de março de 2025).

Como aponta Severiana: "cuidar da família era cuidar de tudo" (Entrevista de Severiana Alves Ribeiro, realizada entre 01 e 15 de março de 2025). Nesse contexto, o cuidado ultrapassa a dimensão doméstica e constitui uma forma de manutenção da vida, da memória e dos vínculos familiares em meio às transformações sociais impostas pela migração e pela urbanização.

4 O CUIDADO ENQUANTO EXPERIÊNCIA DE FRONTEIRA

Ao longo deste artigo, a noção de fronteira é compreendida muito além da delimitação geográfica entre territórios nacionais ou estaduais, mas enquanto espaço dinâmico de relações, deslocamentos, pertencimentos e transformações. Conforme discute Oliveira (2015), as fronteiras são marcadas por processos de circulação, trocas,

tensões e construções identitárias que ultrapassam "linhas coloridas ou pontilhadas", produzindo formas próprias de interação social e cultural.

Oliveira (2015) argumenta que as fronteiras são mais porosas, ambíguas e permeáveis do que outras partes dos territórios nacionais, constituindo espaços atravessados por movimentos constantes de adaptação, permanência e reelaboração de vínculos sociais. Nessa perspectiva, compreender a categoria fronteira implica perceber não apenas limites físicos, mas experiências produzidas nas relações cotidianas entre sujeitos, territórios e formas de habitar o mundo.

É nesse sentido que a noção de fronteira dialoga com as experiências das mulheres pantaneiras analisadas na pesquisa. As trajetórias entre Cáceres/MT e Campo Grande/MS revelam que as interlocutoras transitam constantemente entre diferentes territorialidades e formas de pertencimento, experienciando fronteiras que atravessam não apenas espaços geográficos, mas também relações entre rural e urbano, tradição e modernidade, permanência e deslocamento.

O processo migratório demonstra que essas mulheres não rompem completamente com o Pantanal ao chegarem à cidade; ao contrário, reelaboram práticas de cuidado, vínculos familiares e memórias coletivas (Halbwachs, 1990) em novos contextos sociais. Para Ribeiro e Vargas (2021):

> As memórias coletivas e individuais constroem os fatos sociais e o sentimento de pertença a um determinado grupo. As nostálgicas imagens do passado reconstroem um viver permeado de lembranças, as quais, independentemente de serem boas ou ruins, existem (Ribeiro; Vargas, 2021, p. 34),

Ao observar as narrativas familiares, se torna evidente que as fronteiras vividas pelas interlocutoras também são atravessadas pelo tempo e pelas transformações geracionais. As mulheres mais velhas da família, como Adelaide, Ana, Severiana e Maria, carregam memórias associadas ao Pantanal rural, ao trabalho intenso nas fazendas, à escassez de recursos e às formas de sobrevivência construídas em contextos marcados pelo distanciamento geográfico.

Em diversos relatos, o Pantanal aparece como um território atravessado por perigos constantes, exigindo habilidades práticas, força física e estratégias coletivas de manutenção da vida. O relato de Severiana sobre sua mãe Adelaide, resumidamente, ao "pegar a zagaia e ir atrás da onça" sintetiza não apenas uma memória familiar, mas uma forma específica de experiência feminina no Pantanal de décadas passadas, marcada pelo enfrentamento cotidiano das adversidades ambientais e sociais.

Já a geração de tia Nair, diferentemente das mulheres que cresceram no contexto rural pantaneiro, teve experiência profundamente atravessadas pela urbanização e pelas desigualdades presentes na cidade; ainda assim, as narrativas demonstram continuidades importantes entre essas diferentes gerações, como o cuidado que per-

manece como elemento organizador das relações familiares, mesmo quando deslocado do território pantaneiro para o Cáceres ou Campo Grande. As práticas de criação compartilhada dos filhos, o apoio entre irmãs, tias e avós, bem como a transmissão oral das memórias familiares, revelam que o pertencimento pantaneiro continua sendo produzido através das relações cotidianas de solidariedade e coletividade.

O deslocamento para a cidade não representou necessariamente estabilidade ou ascensão social para essas mulheres, considerando que o trabalho precarizado, o racismo e a invisibilidade social, especialmente em ocupações relacionadas ao trabalho doméstico permaneceram. Nesse contexto, o cuidado assume uma dimensão ambígua: ao mesmo tempo em que aparece como mecanismo de exploração historicamente associado ao trabalho feminino, também se constitui enquanto estratégia de sobrevivência, resistência e dos vínculos familiares.

A noção de cuidado como prática voltada à manutenção, continuidade e sustentação da vida, se aproxima da perspectiva apresentada por Joan Tronto (1993), retomada por Olivar (2019), que permite pensar a prática não apenas enquanto atividade feminina invisibilizada, mas como atividade relacional através da qual mundos sociais são continuamente produzidos e mantidos, como mecanismo de reconstrução da vida diante das rupturas provocadas pelos deslocamentos territoriais e pelas desigualdades sociais, junta-se à isso, revelações memoriais compartilhadas que não surgem apenas como narrativas nostálgicas do passado, mas como formas de reorganizar experiências familiares e produzir sucessões entre gerações.

Sendo assim, o Pantanal permanece presente nas histórias contadas, nas formas de cozinhar, nos modos de criar as filhas e os filhos, nos objetos guardados e nas práticas cotidianas transmitidas entre as mulheres da família.

As trajetórias apresentadas no texto evidenciam, portanto, que a continuidade cultural pantaneira não depende exclusivamente da permanência física no território, mas da capacidade de manter vínculos coletivos entre gerações. Assim, entre o Pantanal e as cidades, essas mulheres seguem produzindo formas próprias de deslocamentos, adaptações, pertencimento e resistência.

5 CONCLUSÃO

As trajetórias analisadas neste artigo demonstram que o viver das mulheres pantaneiras da família Alves Ribeiro ultrapassam definições fixas de território, identidade e pertencimento. Entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, as interlocutoras constroem formas de existência atravessadas por deslocamentos, adaptações e permanências, evidenciando que as fronteiras postas vão além das delimitações geográ-

ficas, se constituindo em experiências sociais produzidas cotidianamente através da memória, do trabalho, do cuidado e das relações familiares.

Ao acompanhar as narrativas intergeracionais, foi possível compreender que o feminino no Pantanal assume diferentes configurações históricas. As gerações passadas, representadas por mulheres como Adelaide, Ana, Severiana e Maria, remetem a um Pantanal marcado pelo distanciamento das cidades do entorno, pelo excesso de trabalho e pelas formas coletivas de sobrevivência em contextos rurais. Já a segunda geração, representada por Nair, evidencia transformações relacionadas à urbanização, à migração e às desigualdades vivenciadas nas cidades.

Ainda assim, os elementos analisados demonstram continuidades importantes entre essas diferentes temporalidades, especialmente através das práticas de cuidado, que se revelou não apenas como trabalho doméstico ou obrigação atribuída às mulheres, mas como elemento central na produção de vínculos entre pantanais e cidades. A criação compartilhada das filhas e dos filhos, os ensinamentos transmitidos oralmente, as memórias familiares e as formas coletivas de organização cotidiana demonstram que essa prática opera enquanto linguagem social capaz de sustentar relações mesmo diante dos deslocamentos territoriais e das transformações sociais.

A discussão proposta por Oliveira (2015) permitiu compreender que as fronteiras não se limitam a linhas fixas entre territórios, mas constituem espaços permeáveis, produzidos através das relações sociais e dos processos de circulação. Tal perspectiva dialoga diretamente com as interlocutoras, uma vez que suas trajetórias evidenciam formas contínuas de trânsito entre rural e urbano, memória e adaptação, permanência e deslocamento.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que o Pantanal permanece presente mesmo fora de seus limites físicos, mantendo-se nas narrativas, nos comportamentos e nas ações compartilhadas entre gerações, produzindo relações de solidariedade entre as mulheres da família. Assim, a continuidade da experiência pantaneira não depende exclusivamente da permanência territorial, mas da capacidade de reproduzi-las em diferentes contextos sociais.

Dessa forma, este artigo contribui para as discussões antropológicas sobre gênero, cuidado e fronteira ao evidenciar que as mulheres pantaneiras produzem formas próprias de resistência e pertencimento através das relações cotidianas que sustentam a vida. Entre Pantanais e cidades, essas mulheres seguem atravessando fronteiras materiais e simbólicas, transformando o cuidado em prática de continuidade, memória e existência coletiva.

REFERÊNCIAS

BENEDICTIS Nerêida M. Santos Mafra; PHILIPP, Rita Maria Radl. A memória e a geografia social como recursos teóricos para a (re)construção da memória feminina. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXVIII, n. 1, p. 170-186, Jan./Jun. 2017.

BIASOLI-ALVES, Zélia M. Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Revista Psicologia:** teoria e pesquisa, 16(3), 233-239. 2000.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERNANDES, Júlio F.; ARAÚJO, Ana Paula Correia de; RIBEIRO, Mara Aline. O Pantanal por elas: o trabalho da mulher pantaneira no turismo. **Caderno Virtual de Turismo,** v. 21, n. 1, p. 33, 2021. Disponível em: http://dx.doi.org/10.18472/cvt.21n1.2021.1833. Acesso em: 12 mar. 2026.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2019:** características gerais da população. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados. Acesso em: 22 nov. 2025.

INGOLD, Tim. **Being alive:** essays on movement, knowledge and description. London: Routledge, 2011.

MACHADO, Lia Osorio. Limites e fronteiras. da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 9-29, 2000.

MARTINS. José de Souza. **Fronteira:** a degradação do outro nos confins do humano**.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MELO, Giulia Praça F. Sales; SOEIRO, Ítalo. C. Moura. A mulher e o deslocamento turístico no mundo contemporâneo: uma contribuição teórico-metodológica aos estudos do turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, 20(2), 1-12. 2020.

OLIVAR, José Miguel Nieto. Gênero, cuidado e a reconfiguração da fronteira... fronteiras, fronteiras! **Revista de @ntropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 551-579, jan./jun. 2019.

OLIVAR, José Miguel Nieto; PASSAMANI, Guilherme R. Corpos, fronteiras, gênero e sexualidade. **Cadernos Pagu,** Campinas, n. 51, 2017.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. Para além das linhas coloridas ou pontilhadas: reflexões para uma tipologia das relações fronteiriças. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 15, p. 233-256, jan./jun. 2015.

ORTEGA, Ana Adelaide; RIBEIRO, Mara Aline. O cuidado como forma de trabalho da mulher no Pantanal. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, n. 39, p. 268-278, jul./dez. 2025.

ORTEGA, Ana Adelaide. **Existência e resistência pelo cuidado:** uma etnografia familiar de mulheres pantaneiras. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2026.

PEIRANO, Mariza. A teoria vivida: desafio antropológico da atualidade. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.). **Antropologia e identidade**: um diálogo com o pensamento de Roberto Cardoso de Oliveira. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006. p. 105-122.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Mara Aline. **Entre os ciclos de cheias e vazantes**: a produção de geografias no Pantanal. Campo Grande: Editora UFMS, 2015.

RIBEIRO, Mara Aline; VARGAS, I. A. Um Pantanal de Marias e marruás. **Revista GeoPantanal**. Corumbá/MS, n. 31, p. 29-45, jul./dez. 2021.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com mulheres e problemas com sociedade na Melanésia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

Trat, Josette. Freidrich Engels: da propriedade privada à sujeição da mulher. In: D. Chabaud-Rychter, V. Descoutures; E. Varikas. (Orgs.). **O gênero nas ciências sociais**. (pp. 359 - 372). EdUNB: Brasília, 2014.

TRONTO, Joan. **Moral boundaries:** a political argument for an ethic of care. New York: Routledge, 1993.

ZONABEND, Françoise. A memória familiar: do individual ao coletivo. In: **Sociologia:** Problemas e Práticas. Lisboa. nº. 09, 1991, p. 179-190.

Dados etnográficos -

MARIA, interlocutora 1. Entrevista realizada entre 01 e 15 de março de 2025 com os temas: trabalho, cuidado e memória familiar. Na cidade de Cáceres/MT.

SEVERIANA, interlocutora 2. Entrevista realizada entre 01 e 15 de março de 2025 com os temas: trabalho, cuidado e memória familiar. Na cidade de Cáceres/MT.

NAIR, interlocutora 3. Entrevista realizada entre 01 e 15 de abril de 2025, com os temas: migração, cuidado, identidade e racismo, na cidade de Campo Grande/MS.